



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
abertura do 19º Congresso Brasileiro de Avicultura**

**Brasília-DF, 25 de outubro de 2005**

Eu tenho uma briga toda vez que eu venho ao Itamaraty, porque você percebe que é muito baixo aqui. Quando o Itamaraty foi feito, acho que o ministro devia ter 1,50m de altura, porque agora é difícil.

Meu querido companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,

Meu querido companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Meu querido companheiro Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Meu caro José Augusto Lima de Sá, presidente da Associação Brasileira de Produtores e Exportadores de Frango,

Senhores agraciados, os três que receberam o prêmio,

Meus amigos e minhas amigas participantes do 19º Congresso Brasileiro de Avicultura,

Jornalistas,

Primeiro, contrariando o nosso querido Zoé, eu vou ler meu discurso, eu não vou falar de improviso, se bem que quero fazer o reconhecimento de algumas coisas que eu considero importantes e que não estão escritas aqui. O que está escrito vocês já sabem, porque foi cópia do texto que o senhor Zoé leu aí, na pasta, deve estar aqui.



Mas eu queria fazer um reconhecimento, aproveitar um Congresso como este, três Ministros que estão ali na mesa. E, sempre que eu posso, eu faço questão de frisar o seguinte: eu não conhecia o Furlan, eu não conhecia o Roberto Rodrigues e eu não conhecia o Celso Amorim. O Roberto Rodrigues eu conhecia *en passant* de algumas reuniões em que ele participava, meio convidado, assim, especial. O Furlan, eu conheci de umas duas vezes em que nos encontramos. E o Celso Amorim eu conhecia, assim de passagem, porque, como embaixador, ele me recebeu em outros países quando ele estava na Embaixada.

Todo mundo sabe que durante o processo eleitoral de 2002 eu dizia que desejava criar uma Secretaria Especial de Comércio Exterior, uma Secretaria que só cuidasse disso. E achava que, a partir daí, nós poderíamos fazer com que o Brasil tivesse na sua política de exportação uma coisa muito definida, que a gente não ficasse oscilando, como sempre oscilamos no Brasil: toda vez que a gente decidia exportar, a gente asfixiava o mercado interno, e toda vez que tentava fortalecer o mercado interno matava as exportações. Ou seja, era preciso provar que as duas coisas podiam caminhar juntas: crescer a exportação e crescer o mercado interno.

Pois bem, a sorte é que eu encontrei o Furlan para ser ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e ele cumpriu a função do “mascate” que eu sempre sonhei ter para o Brasil. É, um mascate. Um vendedor tem que ser um mascate, não tem que ter vergonha de defender o seu produto, não tem que ter vergonha de vender o seu produto como o melhor do mundo, de melhor qualidade e de menor preço porque, senão, a gente não disputa neste mundo globalizado em que as grandes potências têm muito desejo de levar vantagem sobre nós. E eu acho que o Furlan cumpre isso com muita galhardia, muita dignidade.

Segundo, o companheiro Roberto Rodrigues, que é um companheiro conhecido de todos vocês, um companheiro que, acho, sofre o dia-a-dia de



qualquer agricultor neste país, porque não só ele é ministro como é agricultor e, portanto, sabe do sofrimento, sabe o que representam as crises, sabe o que representa, às vezes, a falta de recursos.

Mas, sem desmerecer nenhum outro ministro que já passou por aqui – e passaram tantos, e tantas pessoas qualificadas, formadas – eu penso que poucas vezes o Brasil teve a sorte de ter um ministro com todos os predicados do Roberto Rodrigues porque, além de tudo que ele é de bom, ele é cantador de tango, tem empolgado as platéias, pelo menos onde eu tenho viajado com ele, e é um companheiro que tem dado uma contribuição extraordinária.

O terceiro é o Celso Amorim. Nós não poderíamos ter chegado onde chegamos se nós não tivéssemos tomado a decisão de fazer da política externa brasileira uma política estratégica, não de políticas eventuais: “eu vou, se puder, ou eu faço, se der para fazer”. Assim, nós não competimos. Qual foi a decisão? É que nós deveríamos ter a nossa política externa como uma das prioridades do governo, para que a gente pudesse ocupar todos os espaços no Planeta em que a gente pudesse vender os nossos produtos.

Eu me lembro do ano passado, Celso, quando o Putin veio ao Brasil e, naquele tempo, tinha surgido o caso de um foco de febre aftosa numa cidade no estado do Amazonas. E, como sempre, disseram que iam parar de comprar carne do Brasil porque tinha um foco de febre aftosa no Amazonas. Eu levei o Putin a uma sala em que estava o mapa do Brasil e, do outro lado, tinha o mapa-múndi, para mostrar para ele a diferença entre o Brasil e a Europa, e para mostrar para ele a distância entre o local em que estava o foco de febre aftosa e o chamado local exportador de carne brasileira, para ele perceber que dava umas quatro Alemanhas, umas três França, ou seja, ele não tinha o que temer, o que ele precisaria era conhecer um pouco o Brasil, até porque nós já tínhamos mandado uma carta para ele porque, na distribuição de cotas, deram 70% para os Estados Unidos e o Brasil ficou entre outros.

Essas coisas vão mudando. A gente sabe que já está comprando um



bocado e vai comprar mais ainda porque quem tem que ser teimoso, neste negócio, somos nós. Nós não temos que ficar lamentando, nós temos é que ir atrás, cutucar, para que a gente possa colocar os nossos produtos. E fazemos isso porque temos consciência de que hoje ninguém pode ficar sentado numa poltrona esperando que um comprador bata à sua porta.

Eu tive a oportunidade de visitar alguns grandes exportadores, fui visitar a Perdigão, a Sadia. Toda vez que eu falo da Sadia, eu tenho que falar da Perdigão; quando eu falo da Perdigão, eu tenho que falar da Sadia. Ou seja, um país que é capaz de ter complexos empresariais desse porte não tem que ter medo de competir, realmente, com ninguém. O que nós precisamos é colocar a cara para fora, fazer as disputas que temos que fazer e aprimorar, cada vez mais, os nossos produtos, porque é isso que termina levando em conta a nossa capacidade de competir ou não. E eu acho que nós estamos no caminho certo. Eu acho que o Brasil vive um momento auspicioso, mas é importante lembrar a vocês: toda vez que a gente cresce muito, também aparecem aqueles que querem jogar casca de banana, aqueles que não querem que as coisas dêem certo, aqueles que querem competir conosco e, portanto, querem atrapalhar. O jogo é mais duro.

Por isso é que quanto mais nós crescermos, mais responsabilidades nós temos que ter, melhor qualidade nós temos que ter, de preferência, o melhor preço nós temos que ter. Quando a gente é pequeno e não é competitivo, ninguém dá importância para a gente. Todo mundo aqui, quem faz política sabe, um partido que tem três deputados pode gritar o que quiser o dia inteiro na Câmara que ele é ouvido mas, na hora de votar, não tem o peso que precisava. No comércio é a mesma coisa. Um país que não tem importância neste mundo dos negócios, pode gritar que não será ouvido. Por isso é que nós construímos o G-20, uma organização dos países com potencial similar ao do Brasil, alguns muito grandes, outros médios, outros menores. Mas, para que a gente chegue na OMC, que a gente chegue com o mínimo, mais ou menos



como o time do Corinthians agora, bem organizado, bem estruturado, pensando em ganhar definitivamente o título, porque se a gente chega sozinho, tentando cada um resolver o seu problema, a tendência natural é nós perdermos.

E foi assim que nós tivemos algumas vitórias, e é assim que a gente está com muita esperança de, quem sabe, quando chegarmos à Rodada de Doha, a gente possa ter uma decisão de política comercial mais definitiva e mais importante, sobretudo, para os países emergentes, como costumam dizer os nossos concorrentes pelo mundo.

Por isso, eu não poderia faltar a este Congresso. O Brasil, definitivamente, tem que tirar lições. Eu disse ao Roberto Rodrigues, quando surgiu esse foco da febre aftosa no Mato Grosso do Sul que, diferentemente do que aconteceu no Rio Grande do Sul, três ou quatro anos atrás, quando ficamos um mês na imprensa vendo quem era culpado, se era o Papa, se era o prefeito, o governador, o deputado, o criador... sabe, aconteceu! Nós vamos ter que resolver o problema e vamos ter que evitar que aconteça outra vez.

Em um país que tem a quantidade de quilômetros de fronteira seca como tem o Brasil, a nossa responsabilidade aumenta, na medida em que nós temos que conversar com os nossos vizinhos para que tenham o mesmo cuidado e para que tenham, eu diria, o compromisso conjunto, que é uma proposta que fizemos em Ouro Preto para que a gente assuma como responsabilidade tentar tirar a América do Sul, ou seja, livrar a América do Sul dos países com febre aftosa. E, aí, se não tiver compromisso de Estado, vai ficar muito mais difícil.

De forma que eu queria dizer a vocês algumas medidas que o Roberto deve ter anunciado hoje. Não vou falar aqui do crescimento das exportações, não vou falar aqui da geração de empregos, porque o senhor Zoé já falou, e vocês já devem ter ouvido, vocês que passaram os dados para ele e para mim também, então, eu não vou repetir aqui o que vocês já sabem.



Eu acho que é importante a gente saber que a Embrapa joga um papel importante. É importante vocês saberem que o Estado brasileiro, e o ministro sabe disso, outros que já foram ministros sabem, o Estado brasileiro sofreu, nos últimos 15 ou 20 anos, um processo de desmonte. E podem ficar certos de que muitos de vocês contribuíram para isso, sem querer e sem saber, porque houve um tempo neste país em que um técnico especializado, quando ganhava 5 mil reais, era chamado de “marajá”, era criticado. Hoje, uma empresa, para contratar um grande especialista, seja numa empresa de vocês ou em outra empresa qualquer, ele vai ganhar 15, 20 ou 25 mil reais por mês.

Aqui no governo, para contratar um grande especialista, a começar do ministro, que ganha 8 mil reais, para você convencer um técnico a vir trabalhar no governo para ganhar 5 mil reais, 6 mil reais, só se a pessoa for, realmente, muito, eu diria, comprometida ideologicamente, senão não vem.

E todo mundo sabe como é que é: um grande técnico, hoje, vai trabalhar numa empresa privada para ganhar 15 mil reais, 20 mil reais, ainda tem despesa com gasolina paga, tem despesa com restaurante, tem despesa... e não tem Ministério Público atrás dele, não tem CPI atrás dele, não tem nada.

A máquina pública foi desmontada. Em vários setores, em vários departamentos a máquina pública foi totalmente desmontada. Recuperar esta máquina significa ter um outro debate, porque houve um tempo em que a moda era dizer que o Estado não precisava de nada, precisava tirar o Estado de tudo. Está lembrado do tempo do Estado mínimo?

Agora, nós estamos chegando à conclusão de que o Estado não tem que ser mínimo, nem máximo, ele tem que ser um Estado necessário para dar conta das coisas, porque embora a febre aftosa seja da responsabilidade dos estados, o governo federal é que tem responsabilidade de fiscalizar. E assim vale para todas as áreas. Montar este Estado, podem ter certeza, vai precisar da ajuda de vocês e não só da ajuda, não é pedir dinheiro para vocês pagarem, não, é para que reconheçam. E um companheiro como o Zoé que veio aqui e



fez o discurso. É importante fazer em todo lugar. O Estado brasileiro precisa de grandes técnicos. Quando é uma grande empresa como Itaipu, não precisa porque paga bem, quando é uma grande empresa como a Petrobras, não precisa porque paga bem, quando é o BNDES não precisa, porque paga bem. Mas a máquina pública, do Estado, do governo federal, ou nós tomamos uma atitude de reestruturá-la... E a cada vez que nós fazemos concursos, e já fizemos muitos concursos em quase todos os Ministérios, a cada vez que nós fazemos concursos é uma enxurrada de editoriais dizendo que nós estamos inchando a máquina pública.

Na verdade, essa máquina, que já tem uma máquina pública de primeira qualidade, que compete com qualquer máquina pública do mundo, essa máquina foi desmontada ao longo de muitos anos. E todo mundo sabe que começou propriamente em 1990, foi desmontada. Agora, remontar essa máquina vai levar algum tempo. E quando a máquina estiver montada, ela precisa menos de governo porque ela funciona. Você tem hoje alguns departamentos no Estado que funcionam bem, um deles é a Receita Federal, que funciona bem, que tem profissionais. O (inaudível) da Embrapa sabe da dificuldade de trazer um técnico para a Embrapa, de trazer um grande pesquisador. O cidadão prefere dar duas aulas por mês na Sorbonne ou prefere dar aula na Getúlio Vargas, fazer uma palestra, escrever um artigo, do que se matar para ganhar 5 mil reais, 6 mil reais. E quanto de entrada? 2 mil e 500, 3 mil e 500 de entrada? Então, a máquina pública precisa, efetivamente, ser reordenada com gente de qualidade, pegar o que tem de melhor nas nossas universidades para ajudar, porque senão o Estado não responde às necessidades da sociedade.

Eu diria que esse é um compromisso que nós temos que ter e é novo. Obviamente que o Roberto, o Celso Amorim e o Furlan, que eram três companheiros, como eu disse para vocês, que vieram trabalhar comigo, porque tem aquela coisa de time, você conversa com as pessoas e você vê uma



pessoa tão ativa que você fala “é esse que eu vou levar.” Ou seja, esses companheiros tiveram total liberdade de montar os seus Ministérios. O Roberto trouxe quem quis, mandou embora quem quis. O Celso trouxe, o Celso não pôde trazer quem quis, porque tem uma parte que não pode. E, às vezes, as pessoas não querem ficar. Todo mundo sabe que o Amaury era um homem bem situado na vida, o Amaury era um homem que tinha a situação privilegiada. Agora, quando o Amaury começou a engordar, vocês estão lembrados que o Amaury começou a engordar, o Amaury sofria porque não só ganhava pouco como a responsabilidade do mundo caía nas costas das pessoas.

Então, eu acho que esse é um desafio em que vocês podem ajudar. E acho que nós já temos responsabilidade de entender o seguinte: a carne de frango, a carne de porco ou a carne de gado hoje, para nós, não é mais aquele negócio primário, aquele negócio: “não, aquilo é uma fabriqueta”, não. Isso para nós, hoje, é cartão de visita internacional. Eu me lembro, logo no começo, que o Furlan um dia me disse que pegou não sei quem aí, que estava colocando um pouco de água no frango para congelar, para ficar um pouco mais pesado. Eu falei: Furlan, diga para quem estiver fazendo isso que é, no mínimo, um tonto, porque na hora em que for descoberto, esse cidadão vai prejudicar não apenas ele, mas o Brasil inteiro.

Hoje, a nossa responsabilidade é de tamanha envergadura que nós não podemos brincar, porque se a gente brincar alguém vai aparecer e vai em outro lugar comprar. Então, eu acho que isso é uma coisa extremamente importante e eu acho que vocês são exemplo. Eu por exemplo, fui visitar o trabalho dos integrados lá em Concórdia, depois eu fui ao Mato Grosso visitar, depois eu fui em Goiás visitar. Obviamente que é uma coisa extraordinária, são formas de produção, empresas modernas que permitem que qualquer brasileiro, seja ele presidente ou não, tenha orgulho das coisas que estão sendo implantadas neste país. E os integrados são uma coisa tão importante que hoje,





difícilmente, uma fábrica de celulose se implantará no Brasil se não tiver os integrados. Ao invés de produzir 500 mil hectares de eucalipto, faz parceria com os pequenos proprietários e vai dando um pouquinho de recurso. Vai desmatar menos, vai gerar mais empregos, vai gerar mais renda, isso já está acontecendo em vários lugares do Brasil, possivelmente, pela experiência que nós tivemos com os nossos queridos pequenos agricultores. Teve um tempo em que, ideologicamente, eu era contra, eu achava que aquilo era um absurdo. Até que eu fui a Concórdia e um cidadão falou para mim: “pô, Lula, você é contra? Nós, aqui, ó... eu passo um ano sem ver um dinheirinho, o dinheirinho que eu ganho é aqui, a cada – eu não sei se era a cada 70 dias, 90 dias – eu tenho aqui umas notinhas para ir ao mercado comprar, se não fosse isso aqui eu não tinha, não”. Eu falei: bom, então eu estava errado, deixa eu apoiar logo esse serviço aí.

Bem, o governo também não pode tudo. Habitualmente, as pessoas pensam que o governo pode tudo, e o governo não pode tudo porque tem também muitas limitações e vocês conhecem, pelo menos alguns de vocês conhecem perfeitamente bem. Vou dar o exemplo das dificuldades: anteontem, nós estávamos discutindo aqui sobre a questão da febre aftosa com o governador do estado do Mato Grosso do Sul, com o ministro Roberto Rodrigues, e eu tinha ficado nervoso porque tinha saído no jornal a matéria dizendo que faltava dinheiro, que não tinha três milhões e meio para o Mato Grosso do Sul, e eu não me conformava que fosse por causa de três milhões e meio. E, na verdade, sentamos à mesa, o Secretário-Executivo do Roberto falava assim: “o dinheiro para o Mato Grosso do Sul”. Aí, o Secretário do Mato Grosso do Sul perguntava: “o orçamentário ou o financeiro?” Aí, o do Roberto falou: “orçamentário”. E por que é que não manda o dinheiro? O dinheiro não está lá ainda porque tem que ter um projeto do governo do estado, porque se não tiver um projeto do governo do estado, o Tribunal de Contas da União não vai permitir passar o dinheiro para o estado. Eu disse para o Guedes: ô



Guedes, não dá para sentar naquela mesa ali do lado, você e o Governador, fazem um documento e assinam os dois? porque estávamos marcando uma nova reunião; também, a burocracia no Estado brasileiro foi feita... ela dá com uma mão e tira com a outra. Uma lei diz que pode, a outra diz que não pode.

Nós temos isso aqui, no caso do Ibama, a mesma lei que diz que tem que fiscalizar é a lei que diz que não tem que fiscalizar e, quando o fiscal é sério, que fiscaliza e faz alguma coisa errada, o que acontece? O Ministério Público vai em cima dele, e a primeira coisa disponibilizada são os bens dele. Ele, então, fica: “eu não vou dar licenciamento para isso funcionar”. É um Estado feito... e eu fui oposição, durante os anos da Constituinte, e é impressionante. É impressionante, parece que a gente trabalha para evitar que as coisas sejam fáceis. Agora, quando se apresenta a possibilidade de um vírus que pode atacar a extraordinária criação de frango que nós temos ou o nosso gado, aí não tem oposição, não tem situação, não tem pequena, não tem grande, não tem governo, aí somos todos nós porque independe de quem esteja no governo ou na oposição. É um problema do Brasil e os nossos filhos serão as vítimas, os nossos netos, se a gente não aproveitar essa coisa agora e fazer o que tem que ser feito.

O Brasil tem que primar pela qualidade e tem que oferecer essa qualidade ao mundo. E eu tenho a certeza de que essa coisa que está acontecendo hoje no Brasil vai fazer com que, ao discutirmos o dinheiro para que a gente cuide de forma correta do nosso rebanho, ele não seja tratado como se fosse dinheiro de outro Ministério que não tem o mesmo problema. Por isso eu quero desejar a vocês... Primeiro, algumas medidas que o Roberto anunciou. Você já anunciou as medidas que nós vamos fazer aqui? Então, também, não preciso ler. Eu quero só terminar dizendo o seguinte: olhem, eu acho que a hora é agora. O Brasil está consolidado como o maior exportador de carne de frango e de carne de gado do mundo. Não é fácil chegar onde nós chegamos. Então, agora, nós não podemos deixar a peteca cair. Por isso,



estejam certos do seguinte: não é apenas porque os ministros são aquilo que eu disse que são e, possivelmente, sejam melhores do que o que eu falei deles, mas é porque é um compromisso de honra do Estado brasileiro não permitir que a gente retroceda depois dessa conquista que nós tivemos.

Bom Congresso para vocês e que Deus ajude este país a andar cada vez mais.